



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PSICOLOGIA SOCIAL E COMUNITÁRIA

Análise da influência das percepções dos casais sobre a prática de lobolo em relação
ao relacionamento abusivo: caso do bairro de Khongolote

Monografia

Presquília Reinaldo Nhambe

Maputo, Outubro de 2024



FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PSICOLOGIA SOCIAL E COMUNITÁRIA

Análise da influência das perceções dos casais sobre a prática de lobolo em relação ao relacionamento abusivo: caso do bairro de Khongolote

Monografia

Monografia apresentada em cumprimento dos requisitos parciais para a obtenção do grau de licenciatura em Psicologia, vertente de Psicologia Social e Comunitária.

Candidata: Presquília Reinaldo Nhambe.

Supervisor: Msc. Alcídio Celestino Cumbe.

Maputo, Outubro de 2024

i. Declaração de originalidade

Esta monografia foi julgada suficiente como um dos requisitos para obtenção do grau de licenciatura em Psicologia Social e comunitária aprovada na sua forma final pelo curso de licenciatura em Psicologia Social, Departamento de Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane.

Director do curso

(dr. Francisco Cumaio)

Presidente

()

Oponente

()

Supervisor

(Msc. Alcídio Celestino Cumbe)

Maputo, Abril de 2024

ii. Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, o criador de todo o Universo, pelo dom da vida, pela saúde, por ser o guia da minha vida, estando presente nos momentos de tristeza assim como nos momentos de alegria, pela sua infinita graça que por meio dela, tornou possível a realização deste trabalho.

Agradecimentos infindáveis vão para os meus pais, Reinaldo Valério Nhambe e Célia Albino Nhantumbo por terem aceitado ser usados por Deus para me trazer ao mundo, pela luta incansável na formação da minha personalidade, na luta pela minha educação, pois deram tudo de si para o alcance desse nível, colocando em causa seus interesses em prol da minha formação académica, foram vários os momentos que seu apoio incondicional fez toda a diferença.

Aos meus irmãos, primos e amigos pelo suporte, pelo encorajamento e acima de tudo pelo afecto que tem demonstrado por mim, em especial a minha irmã Tânia Nhambe pela ajuda na edição desta monografia, bem como pela companhia nas longas caminhadas durante a recolha de dados. A minha prima Maria Alcete pela partilha de material didático que foi muito útil na realização desta monografia. A todos familiares não citados que directa ou indirectamente incentivaram, encorajaram e contribuíram para o alcance deste nível, o meu muito obrigado!

Ao meu noivo Paulino Severiano Nhanombe pelo apoio incondicional, pela confiança em mim depositada, pela motivação e encorajamento nos momentos de fraqueza e desânimo, pelo suporte na partilha de material didático, pelas correções, comentários e por ter estado comigo nos momentos mais críticos da realização deste trabalho, pela oferta de um dispositivo com uma tecnologia avançada que me ajudou bastante na realização desta monografia. Amo-te bastante

Saudações extensivas vão para os meus colegas da turma de psicologia 2018, pois directa ou indirectamente contribuíram bastante para o alcance deste nível, em especial as minhas amigas, companheiras, cúmplices, Cristina Roberto, Layla Cagi, Diana de Oliveira e Helena Chemane, pois graças a elas foi possível tornar o grau de licenciatura divertida.

Ao Dr. Alcido Celestino Cumbe, meu supervisor durante a realização deste trabalho por ter aceitado o desafio de me orientar, pelos seus conhecimentos valorosos, pela paciência, entrega e dedicação, mais importante ainda pelos conselhos e disponibilidade toda vez que precisei. Foi uma honra ter-lhe como docente e supervisor.

iii. Dedicatória

Esta monografia é dedicada aos meus pais Reinaldo Valério Nhambe e Célia Albino Nhantumbo, por serem minha fonte de inspiração, meu alicerce pois o alcance deste nível foi graças a eles que deram tudo de si para a minha formação acadêmica, pelo apoio moral, financeiro e material que me concederam desde a minha concepção. De igual modo dedico ao meu noivo, Paulino Severiano Nhanombe que sempre acreditou em mim, no meu potencial e sempre apoiou os meus sonhos.

iv. **Declaração de honra**

Declaro por minha honra que esta monografia nunca foi apresentada para obtenção de qualquer grau acadêmico e que o mesmo constitui o resultado do meu trabalho laboral individual, estando indicados ao longo do texto e nas referências bibliográficas todas as fontes utilizadas.

(Presquília Reinaldo Nhambe)

v. Lista de Símbolos e Abreviaturas

APUD- Citado por

ETC- Etecetera (e outros)

ET Al- e outros

EX- Exemplo

FACED- Faculdade de Educação

INE- Instituto Nacional de Estatística

OMS- Organização Mundial da Saúde

Resumo

O presente trabalho é intitulado, Análise da influência das percepções dos casais sobre a prática de lobolo em relação ao relacionamento abusivo: caso do bairro de Khongolote, no objectivo geral buscou-se analisar a influência das percepções da prática de lobolo sobre o relacionamento abusivo. Optou-se por uma pesquisa de abordagem mista com maior pendor qualitativo, tendo sido realizada em uma amostra de oito (8) participantes dos quais quatro (4) mulheres que estiveram ou estão em relacionamentos abusivos e que tenham sido loboladas e quatro (4) homens que estiveram ou estão em relacionamentos abusivos e que tenham praticado lobolo, seleccionados pela técnica de amostragem por conveniência. Como instrumento de recolha de dados foi utilizada a questionário socio-demografico e entrevista semiestruturada, pelo que constatou-se que os participantes entendem que o lobolo é um casamento tradicional, que envolve pagamento de um dote para a aquisição de uma esposa, a família da noiva recebe presentes dados pela família do noivo e em troca oferecem a sua filha. Dos participantes, os homens consideram que suas vidas melhoraram depois do lobolo uma vez que passaram a ser valorizados, por sua vez as mulheres, percebem que as suas vidas mudaram negativamente, pelo facto de terem passado a sofrer pressão para gerar filhos, impedimento de participar de grupos sociais e a falta de liberdade para tomar decisões, comportamentos estes que consideram abusivos. Os participantes afirmaram também que acreditavam que existia uma relação entre o lobolo e o relacionamento abusivo, baseado em suas experiencias embora considerem que não há como reverter a sua actual situação porque o lobolo já foi consumado. Ademais há uma tendência por parte dos homens de normalizar o relacionamento abusivo apos o lobolo, devido a interpretação que eles fazem do termo lobolo com sendo “a compra da mulher”. Contudo deixou-se ficar as seguintes estratégias: que as vítimas de relacionamento abusivo procurem assistência psicológica e para a sociedade, o enquadramento do papel de lobolo a ser visto num contexto das práticas tradicionais que faz ligação aos espíritos dos antepassados e os vivos, e não como uma forma de poder.

Palavras-chave: Percepção, lobolo e relacionamento abusivo.

Índice

Declaração de originalidade	iii
Agradecimentos	iv
Dedicatória	vi
Declaração de honra	vii
Lista de Símbolos e Abreviaturas	viii
Resumo	ix
Palavras-chave: Percepções, lobolo e relacionamento abusivo	ix
Capítulo: I	12
1. Introdução	12
1.1. Problematização	12
1.2. Objectivos da pesquisa	14
1.2.1. Objectivo geral	14
1.2.2. Objectos específicos	15
1.3. Perguntas de pesquisa	15
1.4. Justificativa	15
Capítulo: II	16
2.1. Revisão da literatura	16
2.2. Lobolo.....	16
2.3. Resumo de pesquisas sobre o lobolo.....	17
2.4. Lobolo no sul de Moçambique: o passar do tempo e a permanência do costume.....	17
2.5. Concepção do lobolo e o significado dos itens do dote.....	19
2.6. Relacionamento abusivo.....	21
2.7. Características do relacionamento abusivo.....	22
2.8. Tipos de abuso.....	23
2.9. Factores que influenciam para um relacionamento abusivo	24
2.9.1. Sintomas:	24
2.9.2. Consequências do relacionamento abusivo.....	24

Capitulo: III.....	26
3. Metodologia.....	26
3.1. Descrição do local de estudo.....	26
3.2. Abordagem metodológica.....	27
3.3. Quanto aos objectivos.....	27
3.4. Quanto aos Procedimentos.....	27
3.5. População.....	28
3.6. Amostra.....	28
3.7. Instrumentos e técnicas de recolha de dados.....	29
3.8. Critérios de inclusão.....	29
3.9. Critérios de exclusão.....	30
3.10. Questões éticas.....	30
3.11. Procedimento de recolha de dados.....	30
Captulo IV.....	31
4.1. Apresentação e discussão dos resultados.....	31
4.2. Caracterização sociodemográfico.....	31
4.3. Percepções dos casais envolvidos em relacionamentos abusivos sobre a prática de lobolo.....	33
4.4. Influencia das percepcoes da prática de lobolo sobre o relacionamento abusivo.....	36
4.5. Propor estratégias para ressignificar as percepções dos casais face a prática do lobolo.....	39
4.6. Discussão dos resultados.....	40
Capitulo v.....	43
5. Conclusões e sugestões.....	43
5.1. Conclusão.....	43
5.2. Sugestões.....	44
6. Referências bibliográficas.....	45

1. Introdução

O presente trabalho, apresenta uma pesquisa realizada no âmbito do trabalho de fim do curso para obtenção do grau de licenciatura em Psicologia Social e Comunitária na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), cujo tema é **Análise da influência das percepções dos casais sobre a prática de lobolo em relação ao relacionamento abusivo: caso do bairro de Khongolote.**

Uma das primeiras interpretações sobre o lobolo é encontrado nos estudos feitos por Henri Junod, no início do século XX. Segundo o antropólogo, para que a cerimónia de casamento seja completa é necessário que se estabeleça o bridewealth (dote da noiva). Com isso o pagamento é importante para a cerimónia e vai se modificando de acordo com o contexto histórico em que se vive.

O lobolo é a grosso modo a cerimónia de casamento entendida como tradicional no sul de Moçambique, na qual a família do noivo oferece bens para a família da noiva em troca do casamento. É importante ressaltar que essas trocas, mesmo sendo voluntárias, são profundamente obrigatórias, e o mau cumprimento pode acarretar diversos problemas e desavenças sociais (Pinho, 2011).

Estudos sobre o lobolo em relações abusivas indicam que a prática pode reforçar dinâmicas de poder dentro do casamento. Em alguns casos, o lobolo é interpretado como "compra" da noiva, o que reforça a ideia de que o marido tem controlo sobre ela. Para as vítimas, a aceitação dessa prática pode criar um sentimento de obrigação de permanecer no casamento, mesmo em situações de abuso (Junod, 1996).

Este facto remete-nos a um relacionamento abusivo, que é basicamente aquele em que o abusador manipula, controla, humilha, usa a vítima e sempre faz-lhe sentir culpada por isso. Segundo a OMS, O relacionamento abusivo é caracterizado por comportamentos de controlo, manipulação e agressão, onde uma das partes busca exercer poder sobre a outra. Em um relacionamento abusivo, a vítima é frequentemente intimidada, humilhada ou isolada, o que pode afectar a sua autoestima, independência e saúde mental.

Baseando-se neste facto entende-se que, a prática de lobolo tem sofrido varias modificações ao longo do tempo, o que de certa forma abre espaço para uma possível relação entre as percepções prática de lobolo e o relacionamento abusivo, que será o ponto fulcral deste estudo.

O presente trabalho de Monografia está organizado em cinco capítulos nomeadamente: capítulo I diz respeito a introdução, problematização, os objectivos da pesquisa, perguntas de pesquisa e a justificativa. O capítulo II, faz referência a Revisão da literatura onde apresentamos alguns conceitos e aspectos teóricos sobre a influência das percepções dos casais sobre a prática de lobolo em relação ao relacionamento abusivo. O capítulo III diz respeito a Metodologia, e inclui o tipo de pesquisa, a descrição do local de estudo, a população e a amostra, os procedimentos de recolha e análise de dados, questões éticas do estudo. O capítulo IV faz referência a apresentação e discussão dos resultados e no capítulo V, as principais conclusões e sugestões.

1.1.Problematização

O mundo social é composto de características culturais, estruturas sociais e institucionais, estas, fundamentam e guiam o comportamento dos indivíduos que fazem parte deste mundo, estes indivíduos durante o processo de desenvolvimento assimilam hábitos culturais bem como o aprendizado social, pois é por meio dela que os indivíduos aprendem e interiorizam as regras e valores de determinada sociedade. Esse processo de aprendizagem é chamado de socialização (Pinto, 1995).

O processo de socialização é a condição do indivíduo (biológico) desenvolvido, dentro da organização social e da cultura, em pessoa ou homem social, pela aquisição de *status* ou situação, desenvolvidos como membro de um grupo ou de vários grupos, este processo é fundamental para a construção das sociedades em diversos espaços sociais, pois os indivíduos interagem e se integram por meio da comunicação, ao mesmo tempo que constrói a sociedade. (Savoia, 1989).

No processo de socialização existem diversos grupos sociais (familiares, de vizinhos, de amigos, de trabalho), nos quais interagimos e crescemos, contudo o indivíduo, enquanto ser particular e social, desenvolve-se em um contexto multicultural, em que temos regras, padrões, crenças, valores e identidades muito diferenciadas. Assim a cultura torna-se num processo de intercâmbio entre indivíduos, grupos e sociedades, e neste intercâmbio os indivíduos podem formar família.

No olhar da psicologia, família é um grupo de pessoas, vivendo em uma estrutura hierarquizada, que convive com uma proposta de uma ligação afectiva duradoura, incluindo uma relação de cuidado entre adultos e deles para crianças e idosos que aparecem no contexto. Nessa perspectiva psicológica pode se entender a família como grupo de coesa relação interpessoal, ocasionada de forma impositiva ou não e que se observa, mesmo que minimamente alguma relação da hierarquia e cuidado entre seus membros (Minuchin, 1990).

Em algumas regiões da Europa como Portugal, para a formação da família é necessário que haja a união matrimonial compreendendo, que é concedido através do casamento civil e o casamento religioso, tal facto diferencia-se de algumas regiões da África, a título de exemplo em Angola, a formação da família inicia com uma cerimónia tradicional denominada Alambamento (um evento no qual a família do noivo pede autorização a família da noiva para realizar a cerimónia de casamento, de antemão o noivo é apresentado uma lista de itens que precisa conseguir até ao dia do pedido oficial) e de seguida o casamento civil. A nível de Moçambique em algumas regiões da zona sul do país, a formação da família também é antecedida pelo casamento tradicional (lobolo), casamento religioso e o casamento civil (Laura, 2022).

De acordo com Taibo apud Fernandes (2018), o lobolo pode ser entendido como um casamento tradicional costumeiro e recorrente no sul de Moçambique, uma prática tradicional que envolve o *kulovola* significa dar bens à família da noiva para realizar uma união reconhecida entre os parentes do noivo e os parentes da noiva, a família da noiva elabora uma lista de desejos que consistem em vestir os pais da noiva, as suas tias maternas e paternas, os seus avós maternos e paternos, algumas bebidas tradicionais e um valor que é determinado pela família da noiva.

O lobolo assumidamente transcende o amor, tratando-se de uma relação intrínseca com o mundo dos antepassados da noiva e do noivo, em que se estabelece um contacto directo e contínuo entre os vivos e os mortos e, por intermédio da conexão com os espíritos antepassados e realizações de suas exigências, fundamenta-se a harmonia social entre os noivos e, sobretudo, sela o laço social entre ambas as famílias, abençoando e garantindo prosperidade à família que está por vir. No entanto, há famílias que por questões económicas querem ser compensadas as despesas feitas para o crescimento, saúde, e educação da sua filha já que uma vez formada, vai trabalhar e render para a família do seu noivo (Honwana, 2002).

Para Teles e Melo (2003), os papéis impostos às mulheres e aos homens, construídos e reforçados ao longo da história pelo patriarcado, induzem relações violentas entre os sexos e sugerem que a prática desse tipo de violência não é fruto da natureza, mas sim do processo de socialização das pessoas.

O facto é que algumas das características que fazem que o lobolo continue de modo expressivo hoje são, principalmente o seu instrumento para a superação de problemas espirituais, a busca

pela harmonia social entre vivos e antepassados, e a instrução do indivíduo numa relação de redes de parentesco que faz parte da sua identidade social. Em síntese o lobolo mantém-se e aparentemente reforça-se de acordo com as situações sociais, reproduzindo-se hoje num contexto em que o discurso público generalizadamente aceita e por vezes enfatiza a tradição (Bagnol, 2008).

Infelizmente, alguns homens tem a consciência de que pagaram pelas suas esposas e tem o total controlo sobre elas e os costumes obrigam as mulheres a manterem o casamento, mesmo quando infelizes, por conta da má reputação que isso causa às famílias. Nesta senda, algumas mulheres são submetidas à situações de relacionamento abusivo, devido a má percepção que os seus maridos tem com relação à prática de lobolo.

Talita (nome fictício), é uma jovem de 26 anos, recém-casada e lobolada. Na primeira pessoa, Talita conta que conheceu o seu parceiro há 4 anos e inicialmente a relação era um mar de rosas, cheia de mimos, carinhos e muito amor envolvido. No entanto, o seu parceiro alegava sentir-se inseguro na relação e como solução desse problema sempre manifestava a vontade de lobolar-lhe. Passado 3 anos Talita foi lobolada pelo seu parceiro, e o que parecia ser um mar de rosas transformou-se num pesadelo, visto que o seu parceiro passou a priva-la da sua liberdade, impedindo-a de ir trabalhar, alegando que por ter sido lobolada devia total atenção ao marido. Talita afirma ainda que, o seu parceiro obriga-a a envolver-se sexualmente mesmo sem vontade, para além das palavras ofensivas que ele profere contra ela. Cansada dessa situação, Talita achou por bem conversar com seu parceiro, e na base da conversa o parceiro afirmou que pagou um alto valor para aquisição da sua esposa, daí que ela deve total obediência e submissão a ele.

No âmbito da situação acima descrita, surge a seguinte pergunta de pesquisa:

❖ *Em que medida as percepções dos casais sobre a prática de lobolo influenciam para um relacionamento abusivo?*

1.2.Objectivos da pesquisa

1.2.1. Objectivo geral

- Analisar a influência das percepções dos casais sobre a prática de lobolo em relação ao relacionamento abusivo

1.2.2. Objectos específicos

- Identificar as percepções dos casais envolvidos em relacionamentos abusivos sobre a prática de lobolo
- Descrever a influência das percepções da prática de lobolo sobre o relacionamento abusivo
- Propor estratégias para resignificar as percepções dos casais face a prática do lobolo

2. Perguntas de pesquisa

- a) Que percepções os casais envolvidos em relacionamentos abusivos tem sobre a prática de lobolo?
- b) Que percepções da prática de lobolo influenciam no relacionamento abusivo?
- c) Que estratégias propor para resignificar as percepções dos casais face a prática do lobolo?

3. Justificativa

É relevante falar das percepções da prática de lobolo como influencia para um relacionamento abusivo, visto que é um tema pouco falado, porém muito predominante no nosso país. A dificuldade que as mulheres tem de se afastar de seus maridos abusivos alegando que foram loboladas é que me motivou a abordar este tema. O mesmo irá contribuir para a minha aprendizagem bem como para o desenvolvimento da capacidade interventiva, crítica e reflexiva para minha futura profissão como psicóloga.

Para a sociedade, falar da influência do lobolo para um relacionamento abusivo é relevante na medida em que vai mostrar a necessidade de desfazer-se de estereótipos e conceitos precipitados sobre a vítima do abuso, como: «o lobolo é a compra da mulher», proporcionando assim um apoio digno e humanizado.

Este estudo é bastante relevante para a ciência visto que o mesmo trata de um dos mais importantes debates sociais (a violência contra a mulher). A literatura aponta que não existe uma causa específica que motiva os homens a serem abusivos nas suas relações, portanto o tema propicia á ciência um ponto de vista do que seria uma das causas que leva os homens a serem abusivos em seus relacionamentos.

4. Revisão da literatura

Neste capítulo abordaremos sobre os aspectos teóricos relacionados ao tema em estudo. Deste modo, será feita a discussão de trabalhos publicados, que foram utilizados para a elaboração deste trabalho. O objectivo é analisar o que a literatura nos diz sobre a temática, como ela é discutida em outros contextos e de seguida será apresentado o entendimento da pesquisadora.

A revisão de literatura é uma parte vital do processo de investigação que envolve aspectos como localizar, analisar, sintetizar e interpretar a investigação prévia, relacionada com a sua área de estudo. É indispensável não somente para definir bem o problema, mas também para obter uma ideia precisa sobre o estado actual dos conhecimentos sobre um dado tema, as lacunas e a contribuição da investigação para o desenvolvimento do conhecimento (Bento, 2012).

Lobolo

De acordo com Bagnol (2000), o lobolo é o termo usado no contexto urbano de sul de Moçambique para referir o casamento costumeiro, bem como os presentes que a parentela do noivo oferece à parentela da noiva. Em Moçambique, a prática do lobolo estava geralmente relacionada com a população camponesa rural e analfabeta e era comumente apresentada como uma transacção monetária entre as parentelas envolvidas «a venda da mulher». Mais tarde, Bagnol (2002), entendeu lobolo como um dom para a compra das capacidades reprodutivas da mulher e a garantia da possibilidade de aquisição de outras mulheres pelo grupo social dador. Lobolo é um ritual aos antepassados para evitar a violência, as doenças e os problemas de várias ordens, colocando assim o ritual no sistema religioso (Bagnol, 2002).

Recentemente, Granjo, analisando a capacidade do ritual do lobolo para resolver problemas modernos, enfatiza a sua «plasticidade» e «polissemia». Ele considera que a sua resiliência se

deve simultaneamente ao seu papel no reconhecimento de uma relação matrimonial, na valorização do estatuto do casal, na regulação da descendência e na «domesticação do aleatório e dos perigos» (Granjo, 2006)

Já para Honwana, é uma cerimónia tradicional em que a família do noivo oferece um dote a família da noiva, celebrando assim a sua união. A cerimónia de lobolo consiste numa oferta de bens em forma de gado, dinheiro, roupas e alimentos á família clã da noiva, após a aceitação e recepção destes bens por parte da sua família, a noiva passa a pertencer a família clã do noivo. (Honwama, 2002)

No entanto Fernandes (2018), sugere que lobolo é a compensação pela saída da noiva do seu grupo para o grupo do seu marido e pode ser constituído por enxadas, bois, dinheiro e outros bens, ou seja é uma forma de compensar a família da noiva pela perda de um dos seus membros “mulher lobolada” (Fenandes, 2018).

Todavia, com a explanação desses autores, percebe-se que o lobolo em Moçambique é uma prática que visa o reconhecimento matrimonial, isto é, garante a reprodução, a estabilidade, compromisso, e estabelece os direitos e deveres entre um homem e uma mulher perante a comunidade. Ao conotarmos o lobolo como uma simples transação de compra e venda, tiramos todo o simbolismo e importância que o ritual de facto tem.

Resumo de pesquisas sobre o lobolo

Autores	Objectivo da pesquisa	Principais resultados da pesquisa
Bagnol (2002)	Discutir a prática contemporânea do lobolo em contexto urbano no Sul de Moçambique.	Concluiu-se que o lobolo constituía a compra das capacidades reprodutivas da mulher e a garantia da possibilidade de aquisição de outras mulheres.
Honwana (2002)	Relacionar o mundo espiritual e o mundo dos vivos.	Considera lobolo como sendo uma união conjugal marcada pela oferta de bens como gado, dinheiro, etc. á família da noiva para que a mesma pertença á família do seu noivo.

Fernandes (2018)	Perceber a educação tradicional Moçambique.	Sugere que o lobolo é uma forma de em compensar a família da noiva pela perda de um dos seus membros.
---------------------	---	---

4.1. Lobolo no sul de Moçambique: o passar do tempo e a permanência do costume

Dados históricos apontam para modificações significativas na maneira como o lobolo foi realizado ao longo do tempo em Moçambique. No período pré-colonial, o lobolo era realizado com esteiras e objectos de vimes, porém, com o início do comércio costeiro foram introduzidos novos objectos (Junod, 1996).

No início do século XIX, os bois eram um importante meio de prestígio, de acumulação de riqueza, de acesso às mulheres e filhos e de garantia de segurança alimentar. Porém, nos anos 1850, quando os primeiros moçambicanos da Região Sul começaram a procurar trabalho na África do Sul, o lobolo começou a ser realizado com recurso a libras esterlinas, em paralelo com o uso de enxadas e bois (Junod, 1996).

Contudo, o gado bovino permaneceu a referência na determinação do valor a ser dado. Durante o período colonial, o governo português mostrou um interesse particular pelo lobolo. Assim, nos anos 1930, as autoridades coloniais estabeleceram um valor a ser pago pelo lobolo para controlarem os movimentos de gado. Era obrigatório comunicar à administração a transferência de gado de um grupo para outro (Welch, 1982).

Na mesma altura, a Igreja Católica, visando «civilizar» a população, agiu contra o lobolo, proibindo os recém-convertidos de o praticarem e encorajando os casamentos canónicos. Na mesma linha, depois da independência, em 1975, o governo da Frelimo definiu uma estratégia que visava erradicar o que chamava «valores retrógrados da sociedade tradicional», que incluíam o lobolo. A posição da Frelimo está claramente expressa na citação seguinte: «A sociedade, compreendendo que a mulher é uma fonte de riqueza, exige que seja pago um preço. Os pais

requerem do futuro genro o pagamento de um preço, o lobolo, para cederem a filha. A mulher é comprada, herdada, como se fosse um bem material, uma fonte de riquezas» (Machel, 1975).

O lobolo é um costume dos nossos antepassados, entre os povos bantus em África, assim como em alguns países da Europa, esta prática ainda continuam em vigor entre várias famílias, como primeiro passo a moldar as uniões conjugais, especialmente nas províncias do sul de Moçambique.

De acordo com Ferreira, 1967 o lobolo em Moçambique foi sendo apresentado na literatura por um lado como uma prática retrograda a eliminar, por outro lado como uma prática e expressão cultural imaculada, parada no tempo e resistente a qualquer alteração, mas também como instrumento de subjugação da mulher dentro do lar e ainda como uma cerimónia com função integradora da sociedade. No entanto, Cipire, 1996 considera que no sistema patrilinear o lobolo é encarado como uma troca de serviços entre duas famílias pertencentes a clãs diferentes.

Em algumas regiões de Moçambique, reza a tradição histórica, que na província de Gaza, o lobolo era feito através de *tihakas*, ou seja frutos da amarga erva espontânea e rasteira, conhecida por cacana, apesar de ser tão amarga, os habitantes desta província apreciam-na para a sua culinária. O significado do lobolo por *tihakas*, na óptica dos nossos ancestrais era de que a semelhança da cacana que gera frutos, a mulher lobolada, também deve ter o poder da procriação (Honwana, 2002).

Por se tratar de um fenómeno cultural milenar em África e particularmente em Moçambique e também na Europa, nos antigos romanos, sabe-se que havia uma prática de alianças entre as famílias, em que a mulher era um bem a negociar, um objecto de dádiva ou de troca. Nestas alianças, o futuro sogro ou o noivo, pagava um dote ao pai da noiva, dote que entretanto, ficava até ao nascimento do primeiro filho. É desta forma que, historicamente o lobolo serve como um mero instituto de unificação das famílias nubentes.

Actualmente, o lobolo, como qualquer outro ritual, já sofreu alterações na sua forma e no seu conteúdo, no entanto mantem o valor social que representa. É um dos elementos tradicionais que até as famílias mais modernas conseguiram manter e por isso reforça o nosso sentido de africanidade. No lobolo já se oferece um anel de ouro que foi incorporado dos rituais da igreja crista, a louça feita de barro e madeira foi substituída pela porcelana, por outro lado houve

símbolos africanos como o gado e as capulanas que sobreviveram á essas mutações. (Honwana, 2002)

Nas regiões mais rurais, o lobolo é um ritual que confere um reconhecimento social que as outras cerimónias não oferecem, pela dimensão do envolvimento da comunidade, ligação histórica e espiritual.

4.2. Concepção do lobolo e o significado dos itens do dote

Apesar das modificações atribuídas ao lobolo durante a sua prática, há algumas fases básicas tradicionais para sua realização: a primeira etapa está associada à intenção do noivo estabelecer um vínculo com a mulher desejada para tal, parentes e amigos próximos aparecem na casa da mulher num encontro denominado hikombela-mati (pedir água). Nesse caso, seus representantes levam alguns presentes específicos e abrem o diálogo para futura cerimônia de lobolo, identificando a mulher designada pelo noivo. Esse encontro estabelece o primeiro laço com a mulher e seus familiares por parte do noivo e de sua família, e os presentes servem como mão de entrada. Nessa ocasião, os familiares da noiva aproveitam para entregar a lista de exigências (carta de lobolo) para realização da cerimônia. Após alguns meses ou anos, dependendo da capacidade do noivo para adquirir os presentes, o lobolo é realizado. (Fernandes, 2018)

No dia do lobolo, aparecem os parentes mais íntimos, incluindo também vizinhos e amigos do casal, que influenciaram, pela oratória, nas negociações e trocas simbólicas dos presentes. Em geral, bem antes da cerimônia de lobolo ocorre o kuphalha, um culto realizado para os antepassados, para sua invocação e, posteriormente, o diálogo com eles para que o lobolo ocorra bem. Ao chegarem à casa do pai da noiva, os familiares do noivo são recepcionados e ambos os lados iniciam cantos e danças.



1. Apresentação do dote trazido pela família do noivo

As bolsas e malas trazidas pela família do noivo com os presentes são colocados na sala em cima das esteiras de palha e, adiante, apresentados à família da noiva para o início da cerimônia. Durante o lobolo, há troca de presentes de acordo com os pedidos, a lista é revista e as negociações entre os parentes do noivo e os parentes da noiva se inicia. Todos os itens são verificados, além de situações lúdicas que são criadas. A suposta negociação é de fato uma performance, pois a família do noivo pode pagar uma quantia por atraso no início da cerimônia, para chamar a noiva, caso errar o nome de algum parente, para pedir desculpas por algo etc.

O noivo fica ausente nesse momento e a noiva, apesar de não estar presente nas negociações iniciais por outro lado, é chamada para avaliar os presentes e ouvir o pedido de casamento, participando ativamente na negociação, tendo autonomia de aceitar as ofertas ou não e, além disso, escolher a quem direciona o dinheiro do seu lobolo. Ela decide a quantia a dar a cada membro da família, mas quem conduz a cerimônia são os tios.

Após aceitar os presentes e o pedido de casamento, a noiva levanta-se para trocar de roupa, auxiliada pela irmã do noivo, e volta para sala com a finalidade de colocar a aliança e as joias adquiridas. Nesse instante, todos os outros parentes da noiva que ganharam roupas e artefatos, de acordo com o que foi exigido na carta, também tem que exibir a indumentária obtida. Inicia-se, a

seguir, uma pequena festividade, na qual os parentes da noiva exibem-se com as novas vestes e a dança e a mistura de cantos são inseparáveis, encaminhando o fim da cerimônia.



2. A noiva sendo colocada a aliança e as joias

4.3. Relacionamento abusivo

A vida conjugal tem sido investigada há muito tempo, por meio de diversos conceitos: ajustamento, satisfação, estabilidade, sucesso, qualidade ou felicidade conjugal. É possível verificar as transformações que ocorreram no relacionamento de casal a partir das pesquisas dos anos 1940 e 1950, que revelavam casamentos bastante funcionais com papéis sociais bem definidos e inquestionáveis (Marques & Coleta, 2010).

Barretto (2015) definiu relacionamentos abusivos como aqueles em que há excesso de poder e de controle, culminando no sentimento de posse, na objetificação do outro, deste modo iniciam de modo sutil e podem ultrapassar os limites do que se constitui como “sadio”. Relacionamentos abusivos são caracterizados pelo controle, manipulação e comportamento prejudicial de uma pessoa em relação ao parceiro. O abuso no relacionamento íntimo tem efeitos nocivos na qualidade de vida, na saúde mental e física da vítima.

Quando as pessoas resolvem encarar o desafio de se envolverem em um relacionamento amoroso, a maneira como esse caminho é trilhado depende não só da bagagem emocional que cada participante traz para o casamento, como também da forma como suas histórias pessoais

são combinadas. Na relação conjugal, cada um traz consigo suas emoções, adquiridas ao longo de sua vida, e dentro do relacionamento essas duas histórias de vidas ficam combinadas.

4.4. Características do relacionamento abusivo

Sobre as características do relacionamento abusivo, pode-se dizer que a principal é o controle do agressor para com a vítima, além de culpabilizá-la, tornando-a completamente indefesa em relação a ele. Trata-se de relações marcadas pela coerção em que a vítima se submete ao agressor (Pereira, Camargo & Aoyama, 2018).

São vários os estudos e as investigações que se propõem a identificar patologias ou características da personalidade que possam ser cruciais na determinação do envolvimento dos sujeitos em comportamentos violentos (Bell & Naugle, 2008, citado por Caldeira, 2012).

Ao se analisar o perfil do agressor, observa-se que este não faz parte de um grupo homogêneo e que uma parcela significativa apresenta baixa autoestima, depressão e ansiedade (Hamberger & Holtzworth-Munroe, 1999, citado por Padovani & Willians 2002).

A variável da intenção do agressor, ou melhor, a percepção das vítimas sobre essa intenção pode ser analisada, a partir dos relatos das vítimas sobre seus episódios de violências conjugais, que é evidente para elas o desejo do agressor (em maior parte dos casos, homens) em machucá-las, calá-las e destruí-las (Pazo & Aguiar 2010).

4.5. Tipos de abuso

De acordo com (Lloyd 1994, citado por Marques, 2005), violência e abuso subentendem um mesmo comportamento, sobretudo, se o significado semântico da palavra violência for ampliado. A diferença é que o abuso tem uma conotação crônica de um comportamento não aceitável, ou seja, é mais amplamente entendido com conotação sexual. Há diversas formas de abusos que ocorrem contra os parceiros conjugais, abuso emocional (ou agressão psicológica), físico, sexual, econômico e digital.

- **O abuso emocional/psicológico** diz respeito a toda ação ou omissão que causa, ou visa causar, dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Inclui ameaças, humilhações, chantagem, cobranças de comportamento, discriminação, exploração, crítica pelo desempenho sexual, não deixar a pessoa sair de casa provocando o

isolamento de amigos e familiares. É, dentre as modalidades de violência existente, a mais difícil de ser identificada. Apesar de ser bastante frequente, ela pode levar a pessoa a se sentir desvalorizada, sofrer de ansiedade e adoecer com facilidade. Situações que se arrastam durante muito tempo e, se agravadas, podem levar a pessoa a provocar suicídio (Coelho, Lindner, Rebello & Cardoso, 2010).

- **O abuso físico** ocorre quando uma pessoa, que está em situação de poder em relação à outra, causa ou tenta causar dano não acidental, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que pode provocar ou não lesões externas, internas ou ambas. Esta violência pode ser manifestada de várias formas, como: tapas, empurrões, socos, mordidas, chutes, queimaduras, cortes, estrangulamento, lesões por armas ou objetos e danos à integridade corporal decorrentes de negligência (omissão de cuidados e proteção contra agravos evitáveis como, por exemplo, em situações de doença ou gravidez), (Camargo, 2001).
- **O abuso sexual** é o caso em que um indivíduo é submetido por outro para obter gratificação sexual, podendo conter o uso, persuasão, indução, coerção ou qualquer experiência sexual que interfira na saúde do indivíduo, incluindo componentes físicos, verbais e emocionais. “A violência sexual revela o complexo contexto de poder que marca as relações sociais entre os sexos” (Moura, Morelli, Botelho & Stoianov, 2005).

4.6.Factores que influenciam para um relacionamento abusivo

De acordo com Marques & Coleta (2010), constituem factores que influenciam no relacionamento abusivo os seguintes:

- a) *Desigualdade de poder*: Um parceiro pode buscar controlo devido a diferenças de poder percebidas no relacionamento, como financeiras, emocionais ou sociais.
- b) *Histórico pessoal*: Pessoas que cresceram em ambientes abusivos podem ser mais propensas a perpetuar comportamentos abusivos.
- c) *Problemas de saúde mental*: Distúrbios como transtorno de personalidade narcisista podem levar a comportamentos abusivos.

d) *Cultura e normas sociais*: Alguns contextos culturais ou normas sociais podem perpetuar a aceitação do controle em relacionamentos.

Sintomas:

- a) Isolamento: O agressor frequentemente isola o parceiro de amigos e familiares.
- b) Controle excessivo: Isso pode incluir controle financeiro, emocional ou físico.
- c) Manipulação: Uso de táticas manipulativas para manter o controle.
- d) Violência física ou sexual: O abuso pode se tornar físico ou sexual.
- d) Humilhação e críticas constantes: Desvalorização emocional do parceiro.
- e) Ciúmes excessivos: Desconfiança injustificada e controle sobre as atividades do parceiro.

4.7. Consequências do relacionamento abusivo

De acordo com Homem, (2016) o relacionamento abusivo pode desencadear uma série de consequências à vítima, das quais se destacam as seguintes:

- a) Impacto emocional: Alterações dos padrões de sono, perturbações alimentares, alterações da imagem corporal e disfunções sexuais, ansiedade, depressão, baixa autoestima e trauma psicológico são comuns.
- b) Isolamento social: O parceiro abusado pode se afastar de amigos e familiares resultantes, frequentemente, dos sentimentos de vergonha, auto culpabilização, desvalorização pessoal, falta de confiança que as vítimas sentem;
- c) Ciclo de abuso: O abuso tende a se repetir, criando um ciclo difícil de quebrar.
- d) Riscos à segurança: O abuso pode se tornar mais violento e perigoso com o tempo.
- e) Distúrbios cognitivos e de memória (Ex: flashbacks de ataques violentos, pensamentos e memórias intrusivos, dificuldades de concentração, confusão cognitiva, perturbações de pensamento - não é raro as vítimas afirmarem que “estão a enlouquecer”, dado que a sua vida se torna ingerível e incompreensível);
- f) Distúrbios de ansiedade, hipervigilância, medos, fobias, ataques de pânico sentimentos de medo, vergonha e culpa;

Metodologia

Este capítulo é reservado a apresentação do local do estudo, dos métodos de abordagem e procedimentos, técnicas de recolha de dados, universo populacional, amostra e os constrangimentos vividos durante a realização do presente trabalho. Sendo a metodologia um caminho para alcançar o conhecimento na sua generalidade, e especificamente o conhecimento científico, importa salientar que para fazer face as questões de cariz metodológicas, alio-me a Andrade (2006), quando aponta que a metodologia é o conjunto de métodos ou caminhos que são percorridos na busca dos conhecimentos, assim sendo, a metodologia constitui o aparato sob o qual assenta a investigação científica e permite o pesquisador estabelecer balizas naquilo que se pretende alcançar.

Metodologia é um conjunto de procedimentos e técnicas utilizadas para se colectar e analisar dados. O método fornece os meios para se alcançar o objectivos proposto, ou seja, são as ferramentas das quais fazemos uso na pesquisa, a fim de responder nossa questão. (Strauss &Corbin,1998).

Descrição do local de estudo

O grupo alvo desta pesquisa foi identificado no bairro de Khongolote, o bairro de Khongolote é um dos bairros do município da Matola. Município da Matola localiza-se na parte sul de Moçambique, dentro da província de Maputo. Ocupa uma área de 368.4 km² e situa-se aproximadamente entre os paralelos 25° 41' 36" e 25° 50' 36" de latitude Sul e entre os meridianos 32° 24' 02" e 32° 35' 12" de longitude Este. De acordo com os resultados preliminares do Censo de 2017, a cidade da Matola tem 1 616 267 habitantes em uma área de 373 km², e, portanto, uma densidade populacional de 4.333 habitantes por km², representando 56% da população total da província de Maputo. Quanto ao género, 53,4% da população era do sexo feminino e 46,6% do sexo masculino. (INE,2019)

De acordo com o estudo feito por (Slegh et al, 2017), 40% da população da Matola em idades compreendidas entre 18-35 anos, praticou o lobolo.

Abordagem metodológica

Qualquer trabalho científico é alicerçado numa metodologia focalizada nos objectivos traçados. Metodologia é o estudo dos caminhos a serem percorridos para se realizar uma pesquisa, ou seja o caminho que o pesquisador percorre em busca da compreensão da realidade, do facto, do fenómeno. (Zanella, 2009).

Deste modo, o estudo foi de carácter misto com maior pendor qualitativo, pois na recolha de dados foi adoptada a abordagem do tipo quantitativa, que é vista como aquela que emprega a quantificação tanto na recolha das informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples como percentual, media, desvio padrão, as mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão, etc. (Lakatos e Marconi 2002).

Por sua vez a pesquisa tem maior pendor qualitativo pois procurou explorar sentimentos, percepções e intenções (dados não quantificáveis) do tema em estudo, neste caso, influências das percepções da prática do lobolo para um relacionamento abusivo. Para Gerhardt e Silveira

(2000), a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, organização, etc.

As características da pesquisa qualitativa são: objectivação do fenómeno; hierarquização das acções de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenómeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao carácter interactivo entre os Objectivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (Idem, 2009).

Quanto aos objectivos

Quanto aos objectivos, o presente estudo foi exploratório, que segundo Gil (2008) este tipo de pesquisa têm como objectivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Quanto aos Procedimentos

Quanto aos procedimentos, foi um estudo de caso, que para Prodonov e Freitas (2013), o mesmo consiste em colectar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa. É um tipo de pesquisa qualitativa e/ou quantitativa, entendido como uma categoria de investigação que tem como objecto o estudo de uma unidade de forma aprofundada, podendo tratar-se de um sujeito, de um grupo de pessoas, de uma comunidade.

Por sua vez, Yin apud Osório (2010) refere que o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenómeno dentro do seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos. Assim, o enfoque da pesquisa será observar e descrever as percepções sobre a prática do lobolo para um relacionamento abusivo.

População

Segundo Gil (2008) população é um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características. Comumente fala-se de população como referência ao total de habitantes de determinado lugar. Neste contexto, a população do presente estudo será composta por mulheres que já estiveram ou estão em relacionamento abusivo e que tenham sido loboladas, e homens que já estiveram ou estão em relacionamentos abusivos, residentes no bairro de Khongolote.

Amostra

Amostra é o subconjunto do universo ou da população, por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características desse universo ou população (Gil, 2008).

Segundo Sousa (2006). A mostra é um subconjunto, necessariamente finito, de uma população no qual todos os elementos são examinados para efeitos da realização do estudo desejado. Neste estudo a amostra foi composta por oito (8) participantes dos quais, quatro (4) mulheres que estiveram ou estão em relacionamento abusivo e que tenham sido loboladas e quatro (4) homens que estiveram ou estão em relacionamento abusivo e que tenham praticado lobolo.

Sob ponto de vista de amostragem, uma vez que trata-se de uma pesquisa mista com maior pendor qualitativa, recorreu-se a amostragem por acessibilidade ou conveniência, que para Gil (2008) consiste em o pesquisador seleccionar os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo.

Instrumentos e técnicas de recolha de dados

Para o processo de recolha de dados usou-se a entrevista semiestruturada que obedeceu um protocolo de 05 perguntas semi-estruturadas abrindo espaço para perguntas que surgiram durante a conversa. Foi seleccionada esse tipo de entrevista devido as suas características. Gil (2008), salienta que esse tipo de entrevista apresenta as características próximas de uma conversa do dia-a-dia, mas distingue-se pelo seu carácter profissional e pela flexibilidade do guião de entrevista que agrupa as questões básicas do investigador.

Critérios de inclusão

- Ser residente do bairro de Khongolote
- Ter sido lobolada
- Ter praticado o lobolo

- Ter estado ou estar em situação de relacionamento abusivo

Crítérios de exclusão

- Mulheres loboladas, mas que não são vítima de relacionamento abusivo
- Homens que não praticaram o lobolo

Questões éticas

- Submeter o pedido de realização de estudo ao círculo do bairro de Khongolote
- Apresentar o termo de consentimento aos participantes
- Garantir o anonimato dos participantes, por isso seus nomes não serão revelados
- Pedir permissão aos participantes para a exposição das fotografias apresentadas ao longo deste trabalho

Procedimento de recolha de dados

No que concerne a recolha de dados, foi um processo que iniciou com a elaboração do guião de entrevista, o questionário sociodemográfico e o termo de consentimento livre e esclarecido. De seguida a autora dirigiu-se ao registo académico da Universidade Eduardo Mondlane a fim de obter a credencial que mais tarde seria apresentado á estrutura do bairro de Khongolote, que permitiu a realização da pesquisa e colecta de dados. De seguida, junto do chefe de quarteirão procedeu-se com a identificação dos casais que já estiveram ou estão em situação de relacionamento abusivo e que tenham praticado o lobolo.

Procedimentos de análise de dados

Para a análise de dados, foi usada a técnica de análise de conteúdo, que segundo Gerhardt e Silveira (2009), é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens.

Capítulo IV

Apresentação e discussão dos resultados

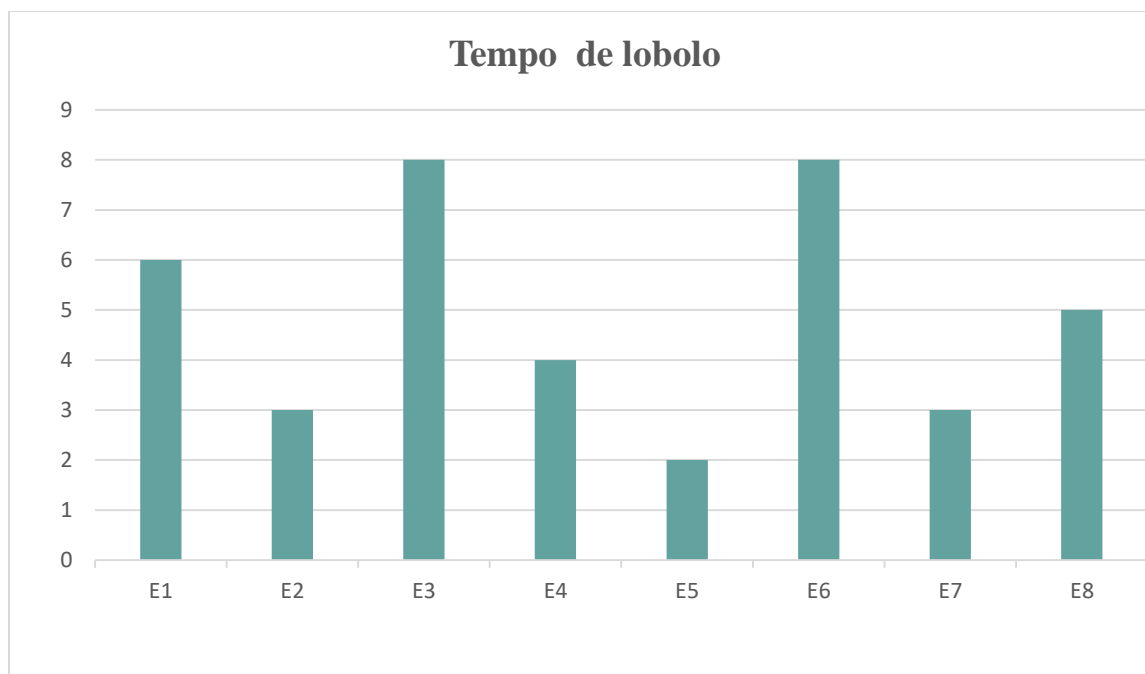
Este capítulo é dedicado á apresentação e discussão dos dados recolhidos no bairro de Khongolote. A presente discussão dos resultados será alicerçada com base nos objectivos acima apresentados.

Inicialmente fez-se a análise do perfil sociodemográfico dos entrevistados nas componentes, idade, sexo, morada, número de filhos, profissão, tempo de lobolo e grau de escolaridade para melhor compreender se estes componentes influenciavam na forma como as mulheres loboladas são tratadas pelos seus maridos, assim como a forma que os maridos tratam as suas esposas loboladas.

Caracterização sociodemográfica

<i>Código</i>	<i>Idade</i>	<i>Nº de filhos</i>	<i>Profissão</i>	<i>Grau de escolaridade</i>	<i>Estado civil</i>	<i>Sexo</i>
E1	44	Nenhum	Domestica	Estudante Universitária	Divorciada	Feminino
E2	33	2	Motorista de camião	12ª Classe	Casado	Masculino
E3	38	4	Domestica	12ª Classe	Casada	Feminino
E4	38	4	Professor	Licenciado	Casado	Masculino
E5	25	Nenhum	Empreendedora	Estudante universitária	Casada	Feminino
E6	45	5	Gestora de recursos humanos	Licenciada	Divorciada	Feminino
E7	43	4	Contabilista	Licenciado	União de facto	Masculino
E8	40	4	Mecânico	10ª Classe	Divorciado	Masculino

De acordo com os dados sociodemográficos apresentados na tabela acima, verifica-se a participação de oito (8) pessoas, das quais quatro (4) do sexo feminino e quatro (4) do sexo masculino, em relação ao número de filhos cinco (5) participantes tem quatro (4) filho e dois (2) participantes não tem filhos, no que concerne ao grau de escolaridade dois (2) participantes tem a 12ª classe concluída, dois (2) são estudantes universitárias, três (3) são licenciados e um (1) tem a 10ª classe concluída. Em relação ao estado civil, três (3) são divorciados, quatro (4) são divorciados e um (1) em união de facto.



Conforme ilustra o gráfico, pode-se constatar que os entrevistados permaneceram ou permanecem no lobolo durante tempos diferentes, sendo que o tempo máximo de lobolo é de oito (8) anos, e o tempo mínimo é de dois (2) anos, dos restantes entrevistados dois (2), permaneceram no lobolo durante três (3) anos, um (1) permaneceu durante quatro (4) anos, e uma permaneceu seis (6) anos no lobolo.

Percepções dos casais envolvidos em relacionamentos abusivos sobre a prática de lobolo

No primeiro objectivo da pesquisa, pretendia-se identificar as percepções dos casais envolvidos em relacionamentos abusivos sobre a prática de lobolo, pelo que:

Na Q1, procurou-se saber dos entrevistados o que significava lobolo para eles pelo que, pode-se constatar que os entrevistados referiram que o lobolo significa pagamento aos pais da noiva pela perda de uma filha no seio familiar, conforme elucidam as respostas:

“Para mim o lobolo significa muita coisa, mas em primeiro lugar significa gratidão aos meus pais pela protecção e por terem cuidado de mim ate chegar a idade de casar e sair de casa, no entanto este

agradecimento deve ser num valor simbólico para não parecer que estão a me vender”. (E1)

“Falar do significado de lobolo para mim é um pouco complicado, isto porque antes de ser lobolada tinha uma percepção e depois de ter sido lobolada passei a ter outra percepção, mas de um modo geral lobolo significa a união entre duas pessoas, em que o homem paga um certo valor á família da noiva para poder casar a mesma”. (E3)

Na minha opinião, lobolo é uma troca de favores, em que a família do noivo paga um valor exigido pela família da noiva, a fim de obter benefícios como ter uma mulher que vai cuidar do lar, ter uma mulher para gerar filhos e garantir a continuidade do apelido, para além disso é saber que terá alguém que vai cuidar das panelas... risos... (E2)

É um casamento tradicional, onde envolve-se troca de bens materiais como símbolo de união entre duas famílias, mas na verdade por trás dessa união existe um pacto feito com os espíritos dos antepassados de ambas famílias para informa-los da saída de um membro da família para uma outra família. (E5).

Na mesma senda do primeiro objectivo, na Q2 procurou-se saber o que terá levado cada um dos entrevistados a lobolar ou a ser lobolado, e dessa vez as respostas foram divididas pelo género, os homens eram unânimes em afirmar que sentiram-se pressionados pela sociedade, e as mulheres concordavam que foi necessário passar pelo processo de lobolo para se consumar o casamento civil, excepto uma entrevistada que afirmou que lobolou por consenso com o seu noivo, conforme ilustram as respostas:

“Minha filha, essas coisas de lobolo agora, é para cumprir com o padrão social, no sentido de casar mas deixar todo mundo satisfeito para poder viver sem cobranças, na altura quando lobei foi mesmo por considerar que aquilo era um casamento tradicional e era necessário para poder realizar o casamento civil”. (E3)

“Sáb, nós somos africanos e sabemos que aqui em africa reina muito o tradicionalismo e o não cumprimento dessas tradições pode levar a consequências terríveis, quando quis-me juntar a minha esposa fui aconselhado a sair do barulho com os espíritos da casa e logo lobolar, minha esposa não queria mas por causa do conselho que recebi dos mais velhos, tive que explicar a ela da necessidade de lobolar”. (E7)

“Lobolei porque quando comecei a namorar, fui-me apresentar em casa da minha esposa e quando lá cheguei informaram-me que para formalizar a relação, devia passar pelo processo de lobolo e assim foi...” (E8)

“Lobolar para mim foi a realização de um sonho pois, eu me sentia em dívida de agradecer aos meus pais e meu marido também estava a favor do lobolo, então foi uma coisa de nós sentarmos e começarmos a planejar tudo, outra coisa que me motivou a lobolar foi porque meus pais deram-me a liberdade de determinar o valor do lobolo”. (E1)

Ainda no mesmo objectivo, na Q4, procurou-se saber dos entrevistados o que mudou em suas vidas apos o lobolo, tendo-se constatado que os homens sentiram-se mais valorizados e respeitados apos o lobolo, enquanto as mulheres passaram a sofrer pressão para gerar filhos, cuidar apenas da família e não se distrair com outras coisas que não fossem a família, como mostram as respostas:

“No início estava tudo bem, mas passado um tempo a minha virou um inferno isso porque meu marido passou a ser pressionado pela sua família a gerar um herdeiro, então ele passou a me pressionar a ter filhos e eu simplesmente não conseguia conceber, das vezes que consegui engravidar de seguida sofri um aborto espontâneo e ele entendia a situação em que eu me encontrava, mas bastava ir visitar os pais voltava para casa e me atormentava com a ideia de querer ter filhos. Meu marido sonhava em construir família, ter filhos mas essa não era nossa prioridade, tanto que ficamos onze (11) anos a namorar sem falar de filhos, mas logo que

lobolamos as exigências começaram e aquilo foi um tormento para mim”.
(E1)

“Eu posso considerar que tudo começou a mudar depois do lobolo, passado 5 anos de namoro fomos viver juntos em casa dos seus pais, tivemos três (3) filhos vivendo na sograria,... depois de lobolarmos fomos viver na nossa casa e me senti um pouco aliviada das tarefas e decidi voltar a escola, no entanto meu marido não permitia que eu voltasse a escola, alegando que fui lobolada e meu dever era cuidar inteiramente do lar, sem me distrair com coisas como a escola. Meu marido dizia que se eu insistisse em querer estudar, reuniria a família e diria que eu era desobediente, de tal modo que ele pediria a devolução do dinheiro de lobolo, não imaginas quão doloroso foi para mim, porque eu queria estudar e trabalhar para me sentir útil e poder ajuda-lo nas despesas da casa”. **(E6)**

“Muita coisa mudou na minha vida, apos lobolar passei a ser valorizado na família da minha esposa, já não me pediam para esticar lonas nas festas, consegui perceber que minha esposa me respeitava mais, todos na minha família só diziam quão corajoso eu fui e me felicitavam pelo passo que tomei na minha vida e aquilo me enchia de orgulho”. **(E7)**

Influencia das percepções da prática de lobolo sobre o relacionamento abusivo

No segundo objectivo tendeciou-se descrever as influencias das percepções da pratica de lobolo sobre o relacionamento abusivo, pelo que:

Na Q1, pretendia se saber qual era a percepção dos entrevistados sobre o relacionamento abusivo, e os entrevistados foram unanimes em considerar que o relacionamento abusivo, é um tipo de relacionamento em que um dos parceiros tem total poder e domínio sobre o outro, conforme arrolam as respostas:

“Eu entendo que o relacionamento abusivo, é quando a falta de respeito começa a reinar no relacionamento, é quando teu marido começa a te ver um objecto e não como uma mulher que ele mesmo escolheu para compartilhar a vida. Em outras palavras, eu diria que o relacionamento abusivo é o sinonimo da violência psicológica na relação”. (E3)

“Nessa questão só posso dizer que relacionamento abusivo foi o que eu vivi na minha antiga relação, na altura eu nem sabia que estava a viver todo aquele tormento. Um relacionamento abusivo é quando você está num relacionamento com um homem que acha que ele é teu dono e você deve total obediência a ele, sabe aquele homem que não te respeita, te considera um nada, acha que você não tem vida própria, você deve viver aquilo que ele quer e deseja, um homem que te insulta, te humilha, e faz de tudo para te colocar em baixo. Isso tudo foi o que eu vivi e considero um relacionamento abusivo e para piorar sempre que eu tentava-lhe agradar, parecia que só piorava as coisas”. (E1)

“Ya, essa questão me leva para uma reflexão profunda que até tenho receio de responder, mas eu percebo que no relacionamento abusivo não há espaço para diálogos, opiniões e interação saudável, ou seja um relacionamento abusivo faz com que o homem ou a mulher, (dependendo de quem seja o abusador), sintam-se infelizes na sua própria relação devido às acções perpetradas pelo abusador”.(E2)

“Relacionamento abusivo é algo que não devia existir, mas infelizmente existe e eu acho que é quando um casal vive em constantes brigas, vivem em desavenças e não há paz. Mas cá entre nós, as mulheres são culpadas pelos relacionamentos abusivos, elas sempre fazem alguma coisa para deixar o homem estressado, e o homem acaba fazendo coisas erradas”.(E4)

Ainda sobre o mesmo objectivo, na Q3 procurou-se saber se os entrevistados acreditavam que apos o lobolo, a forma como foi tratada mudou tendo em conta a visão que tem sobre o relacionamento abusivo, e mais uma vez os entrevistados foram unanimes nas suas respostas, afirmando que suas vidas mudaram significativamente, de acordo co as respostas abaixo:

“Minha filha, eu digo com toda a certeza do mundo, que minha vida mudou drasticamente apos o lobolo, a forma como fui tratada depois do lobolo, não era um tratamento de gente. Meu ex-marido passou a me tratar com indiferença, o amor que ele tinha por mim se esfriou, passava a ouvir mais a sua família e não tinha sequer um dia que ele não me cobrava filhos. Quando eu achava que não tinha como piorar, ele juntou-se a família para cobrar a devolução do dote pago no lobolo, foi um verdadeiro tormento”. (E1)

“Sim, mudou muito, mais do que eu podia imaginar. Eu tinha em mente que apos ser lobolada, teria deveres a cumprir, mas estava longe de pensar que esses deveres colocariam em causa a minha felicidade. No início do relacionamento meu marido me tratava como uma rainha, fazia questão de me conquistar todos os dias, ele estava mesmo empenhado em me fazer feliz, me fazer acreditar que ele é diferente dos outros homens, mas depois de ter sido lobolada tudo mudou, aquele tratamento digno de uma rainha nunca mais vi, sempre que eu reclamo de um comportamento dele, ele faz questão de me lembrar que minha família comeu dinheiro dele, não é ele quem deve se comportar, sou eu”. (E6)

“Epá é claro que mudou. Já não há problema em eu entrar em casa dos meus sogros de calções, percebo que agora o tratamento é mais de respeito, minha esposa me respeita mais, acho ate que ficou mais obediente”. (E8)

“Eu nem gosto de falar disso, por causa das sequelas que isso me trouxe, hoje eu sou casada mas sou infeliz, se eu soubesse teria casado apenas sem lobolar. Sempre que eu e meu marido nos desentendemos, ele junta a

família e me expõe e como consequência a família conclui que eu tenho espíritos maus que fazem com que meu marido se torne agressivo. Por mais que eu reclame do seu comportamento, nada muda porque todos acreditam que os meus espíritos não gostaram dele e isso tudo só começou a ter mais ênfase quando fui lobolada”. (E5)

Na senda do mesmo objectivo, na Q4 procurou-se saber se os entrevistados acreditavam que havia uma relação entre o lobolo e o relacionamento abusivo, e mais uma vez as respostas eram divergentes entre homens e mulheres, os homens consideram que as mulheres são dramáticas e inventam coisas e as mulheres consideram que há sim uma relação, principalmente quando elas não conseguem cumprir com as expectativas dos seus maridos, segundo as respostas:

“Eu não acho que exista uma relação entre o lobolo e o relacionamento abusivo, o facto é que se uma mulher sofre abuso no seu relacionamento, não é pelo facto de ter sido lobolada, mas sim por causa do carácter do seu marido. Digo isto porque há mulheres que estão em relacionamento abusivo, outras ate chegam a sofrer violência física mas não foram loboladas, então eu acho que uma coisa não tem nada a ver com outra”. (E4)

“Eu acredito que sim, baseando-me na minha experiencia minha relação só se tornou abusiva quando fui lobolada, antes disso minha relação era saudável, tínhamos problemas como qualquer outro casal mas não ao ponto de se tornar abusiva, tudo mudou quando fui lobolada. Os abusos intensificaram quando meu marido começou a dar ouvidos a família toda vez que eles exigiam um filho, e passou a obrigar-me a me relacionar sexualmente com ele mesmo que não tivesse vontade, tudo para garantir que eu engravidasse e infelizmente nunca cheguei a engravidar”. (E1)

“Existe sim uma relação entre o relacionamento abusivo e o lobolo, mas não podemos generalizar, no meu caso por exemplo minha esposa já vinha reclamando do meu comportamento antes mesmo de lhe lobolar, as

coisas só pioraram quando ela foi lobolada mas isso só aconteceu porque ela não cumpre com os seus deveres de mulher lobolada, ela não é submissa e acha que eu e ela somos iguais”. (E2)

“É claro que existe, eu passei a ser proibida de participar dos cultos da igreja, não podia mais sair com minhas amigas, minha felicidade estava fora de questão e quando eu procura saber os motivos que levavam meu marido a me tratar daquele jeito, a única coisa que ele conseguia me dizer é que eu era uma mulher lobolada e que devia me focar apenas em cuidar do lar”. (E6)

Propor estratégias para ressignificar as percepções dos casais face a prática do lobolo

No terceiro objectivo, pretendia-se propor junto dos entrevistados, estratégias para ressignificar as percepções dos casais face a prática do lobolo, pelo que:

Na Q5, procurou-se saber o que os entrevistados achavam que devia ser feito para minimizar os casos de relacionamento abusivo, e cada um respondeu baseado na sua experiencia em especifico, conforme ilustram as respostas:

“Na minha opinião, nós devemos dialogar e nesse diálogo deve haver entendimento, ele deve considerar que se eu lhe respeito ele também deve-me respeitar”. (E5)

“Minha esposa deve entender que nos não somos iguais, homens e mulheres são diferentes e ela deve se colocar no lugar dela, ai ela não terá mais motivos de reclamar do meu comportamento”. (E2)

“Hoje eu sou divorciada porque não consegui gerar um filho, por isso eu acho que deve haver mais tolerância entre os casais, mais cumplicidade”. (E1)

“O diálogo é a base de tudo, e é o que esta a faltar no meu relacionamento, eu não tenho palavra no relacionamento e tudo que o meu marido fala é ordem”. (E8)

Discussão dos resultados

O presente trabalho tinha como objectivo “Análise da influência das percepções dos casais sobre a prática de lobolo em relação ao relacionamento abusivo: caso do bairro de Khongolote”, pelo que, o processo de análise de dados será feito tendo em conta os objectivos específicos previamente apresentados.

No que concerne ao primeiro objectivo específico, pretendia se identificar as percepções dos casais envolvidos em relacionamentos abusivos sobre a prática de lobolo e, percebe-se que os entrevistados entendem que o lobolo é um casamento tradicional, que envolve pagamento de um dote para a aquisição de uma esposa, ou seja a família da noiva recebe presentes dados pela família do noivo e em troca oferecem a sua filha.

Em conformidade com a revisão da literatura, entende-se que o lobolo assumidamente transcende o amor, tratando-se de uma relação intrínseca com o mundo dos antepassados da noiva e do noivo, em que se estabelece um contacto directo e continuo entre os vivos e os mortos, e todos os entrevistados concordam que há uma necessidade de se realizar o lobolo por questões culturais, ou seja a ideia de não querer entrar em conflito com os antepassados.

Na óptica de Buttelli (2008) citado José (2016), práticas culturais instituídas na sociedade moçambicana, como os ritos de iniciação (zona centro e norte) e lobolo (sul do país), directa ou indirectamente, contribuem para o incitamento e/ou perpetuação à relacionamentos abusivos. Portanto, o lobolo opera como um mecanismo de controlo e organização social a partir da troca

de mulheres enquanto unidades de reprodução embora, a troca da unidade reprodutora compensada pelos bens não exclui a mulher e nem mesmo os filhos de continuarem ligados ao grupo materno.

No segundo objectivo pretendia-se descrever a influência das percepções do lobolo sobre o relacionamento abusivo, e os entrevistados descreveram as suas percepções das quais podemos destacar, a falta de respeito, a incapacidade de gerar um filho, o impedimento para frequentar a escola, a igreja e os convívios com a família e amigos. Ademais, dos entrevistados, os homens consideram que suas vidas melhoraram depois do lobolo uma vez que passaram a ser valorizados, já para as mulheres, as suas vidas mudaram negativamente, pelo facto de terem passado a sofrer pressão para gerar filhos, impedimento de participar de grupos sociais e a falta de liberdade para tomar decisões.

Este facto é fundamentado por Ferreira (1975), quando esclarece que as mulheres loboladas, são imputadas responsabilidades e obrigações envolvendo dívida, honra e prestígio, que não se limitam ao mero papel de reprodução, neste sentido, justifica-se, a relação entre o lobolo e a união conjugal.

Os entrevistados afirmaram também que acreditavam que existia uma relação entre o lobolo e o relacionamento abusivo, baseado em suas experiências, tendo afirmado que as suas vidas só mudaram depois do lobolo, acreditam ainda que se não tivessem lobolado não estariam em relacionamentos abusivos, embora considerem que não há como reverter a sua actual situação porque o lobolo já foi consumado. Facto defendido por Slegh et al (2017), quando afirma que muitos homens e mulheres que praticaram o lobolo não consideram o abuso na relação ou mesmo o uso da violência contra as mulheres como um acto repudiável, pelo contrário consideram como «punição» ou «educação». Além disso, a forte influência percebida do mundo dos antepassados e espirituais na gestão dos conflitos entre parceiros não seria considerada como abuso ou violência, mas sim como controlo por maus espíritos.

No terceiro objectivo, pretendia-se propor junto dos entrevistados, estratégias para ressignificar as percepções dos casais face a prática do lobolo, e das propostas apresentadas pode-se destacar a necessidade do diálogo entre os casais, bem como o diálogo e a cumplicidade. Todavia de acordo com Matos, Féres-Carneiro & Jablonski (2005) para um relacionamento conjugal satisfatório, o

amor é visto como algo fundamental nos tempos de hoje, além de sentimentos de companheirismo, igualdade, sexo e a procriação.

Capitulo V

Conclusões e sugestões

A presente pesquisa teve como objectivo geral analisar a influência das percepções dos casais sobre a prática de lobolo em relação ao relacionamento abusivo. Para o alcance do objectivo geral traçou-se três objectivos específicos nomeadamente: Identificar as percepções dos casais envolvidos em relacionamentos abusivos sobre a prática de lobolo, descrever a influência das percepções da prática de lobolo sobre o relacionamento abusivo e propor estratégias para ressignificar as percepções dos casais face a prática do lobolo.

Segundo os resultados da pesquisa, no primeiro objectivo constatou-se que o lobolo continua operando como um mecanismo de organização, reprodução e estabilidade de terapia social, entretanto este papel deve ser enquadrado num contexto em que intercambia e dialoga publicamente com as outras formas de união conjugal em Moçambique, o casamento religioso, e o casamento civil. Como vimos no relato dos nossos entrevistados, esta conjunção introduz a percepção de que o casamento é satisfeito com os actos de lobolar e registar no civil.

Ademais, no segundo objectivo verificou-se também que há uma tendência por parte dos homens de normalizar o relacionamento abusivo apos o lobolo, devido a interpretação do termo lobolo com sendo “a compra da mulher”. No entanto há condições para concordar com Bagnol (2000), quando referencia que os termos “compra da mulher” ou “preço da noiva”, são designações insustentáveis para se referir ao ritual do lobolo.

No entanto, no terceiro objectivo, concluiu-se que para ressignificar as pecepcoes sobre a prática do lobolo, podem adoptadas estratégias como a educação e diálogo comunitário, promovendo o diálogo intergeracional, enfatizar o lobolo como uma forma de respeito, expansão do incentivo á igualdade de género e a intervenção de líderes culturais e religiosos.

Contudo, conclui-se que o lobolo, embora culturalmente significativo, pode ter implicações complexas em contextos de abuso conjugal. Por outro lado a sociedade precisa adoptar as estratégias acima mencionadas pois podem ajudar a garantir que a prática de lobolo continue sendo uma celebração da cultura e da união familiar, enquanto se previnem mal entendidos que possam abrir caminho para relacionamentos abusivos.

Sugestões

- Á sociedade no geral, sugiro que enquadre o papel de lobolo a ser visto num contexto das práticas tradicionais que faz ligação aos espíritos dos antepassados e os vivos, e não como uma forma de poder;
- Sugiro que haja contextualização e divulgação do processo de lobolo, ás linhas de comunicação nacional, tendo em conta a importância e o papel do lobolo na sociedade;
- Ciente das consequências e do impacto que uma relação abusiva pode trazer, sugiro que mulheres nesta situação procurem ajuda psicológica;
- A sociedade dá mais atenção á violência doméstica, que é a fase mais grave do relacionamento abusivo, isto é, a sociedade ignora o abuso no relacionamento entretanto, repudia a violência domestica, dai que mais do que tentar resolver a questão da violência domestica, sugiro que se dê mais atenção ao abuso no relacionamento como a génese da violência domestica

5. Referências bibliográficas

- Andrade, A. & Marta, Z. (2006). *Metodologia de pesquisa*. São Paulo: Atlas
- Bagnol, Brigitte. (2008). *Lovolo e espíritos no Sul de Moçambique*. In: *Análise social. Joanesburgo, África do Sul*.
- Caldeira, C. T. M. (2012). *Perfil psicopatológico de agressores conjugais e Factores de risco*. Portugal.
- Camargo, M. (2001). *Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço*. (nº. 8, Cap. 2, pp. 13-22). Brasília: Editora MS.
- Cardoso, C. Coelho, T. Linder, M & Rebello M. (2010). *Monografia etnográfica sobre os indígenas da circunscrição de Morrumbene*. Lourenço Marques: Arquivo Histórico de Moçambique.
- Fernandes, R. (2018). *A Educação Tradicional em Moçambique*. Maputo: Empresa de Estudos e Investigação Editorial (EMEDIL).
- Ferreira, R, A. (1975). *Pequena história de Moçambique pré-colonial*. Maputo: Fundo de Turismo. (Biblioteca Nacional de Moçambique).
- Barretto, R.S. (2015) *Psicóloga explica relacionamento abusivo; o que é e como sair dessa situação*. Entrevista. UNESP, São Paulo.
- Gerhardt, T. E. e Silveira, D. T. (2009). *Métodos de Pesquisa*. 1ª Ed. Rio Grande do Sul: UFRGS Editora.
- Gil, António Carlos (2008). *Métodos e técnica de pesquisa social*. 6 edição. Atlas: São Paulo.
- Gil, António Carlos (2008). *Métodos e técnica de pesquisa social*. 6 Edição. Atlas: São Paulo.
- Granjo, Paulo (2006). *O lobololo do meu amigo Jaime: um velho idioma para novas vivências conjugais*. Porto: campo das letras.
- Homem, A. (2016). *Violência doméstica, implicações sociológicas, psicológicas e jurídicas do fenómeno*. CIG: Portugal. Disponível em <http://reporterunesp.jor.br/2015/08/20/psicologa-explica-relacionamento-abusivo-o-que-e-e-como-lidar-com-essa-situacao>

- Honwana, A. (2002). *Spiritual Agency and Self-Renewal in Southern Mozambique*. Londres, 1 edição.
- Junod, Henri Alexander (1996). *Usos e costumes dos bantus*. Lourenço Marques: Arquivo histórico de Moçambique.
- Laura, A. (2022). *Como organizar um casamento angolano: costumes e tradições*. Luanda.
- Marconi, M. de A. & Lakatos E. M. (2003). *Metodologia de Trabalho Científico*, Editora IESDE: Brasil S.A.
- Marques, T. M., & Coleta, M. F. D. (2010). *Atribuição de causalidade e reações de mulheres que passaram por episódios de violência conjugal*. Temas em Psicologia
- Marques, T. M. (2005). *Violência Conjugal: estudo sobre a permanência da mulher em relacionamentos abusivo*. Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.
- Matos, M., Feres, C. T., & Jablonski, B. (2005). *Adolescência e relações amorosas*. Interação em Psicologia. São Paulo.
- Moura, A. A. Morelli, K. Botelho, L. F. F., & Stoianov, M. (2005). *Atendimento às mulheres vítimas de violência sexual: um estudo qualitativo*. Revista de Saúde Pública.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre.
- Padovani, R., & Williams, L. (2002). *Intervenção psicoterapêutica com agressor conjugal: um estudo de caso*.
- Pazo, C. & Aguiar, A. (2012). *Sentidos da violência conjugal: análise do banco de dados de um serviço telefónico anónimo*. Revista de saúde colectiva
- Perreira, E. Camargo, N. S. (2018). *Mitos, feitiços e gente de Moçambique*. Lisboa: Caminho
- Pinto, A. (1995). *Sociologia da escola*. Lisboa, edições MacGrawHill.
- Prodanov, C. C. & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho académico*. 2ª Edição. Rio Grande do Sul: novo Hamburgo
- Savoa, M. G. (1989). *Psicologia social*. São Paulo
- Sleggh, H. Mariano, E. Roque, S & Barker, G. (2017). *Ser homem em Maputo: Masculinidade, pobreza e violencia em Moçambique*. Maputo. IMAGES

- Taibo, R. (2012). *Lobolo no Moçambique contemporaneo*. Curitiba
- Teles, M. A. & Melo, M. (2003). *O que é violência contra a mulher* (Coleção Primeiros Passos, 314). São Paulo.
- Welch, G. (1982). *O poder e o invisível em Mueda-Moçambique*. Lisboa: imprensa de Ciências Sociais.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2ª Edição. Porto Alegre: Bookman.
- Zanella, L. C. H. (2009). *Metodologia de estudo e de pesquisa em administração*. CAPES: Brasília.

ANEXOS

Termo de consentimento da participante

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada a participar na pesquisa de campo referente ao projecto/pesquisa intitulada **Analise da influência das percepções dos casais sobre a prática de lobolo em relação ao relacionamento abusivo**, orientada por **Presquilia Reinaldo Nhambe** fui informada, ainda de que a pesquisa é orientado por Mcs: **Alcidio Celestino Cumbe** quem poderei contactar ou consultar a qualquer momento que julgar necessário através de telefone 848650434 ou por correio electrónico alcidiocelstinocumbe@gmail.com

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer bónus coma finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informada dos objectivos estritamente académico do estudo.

Fui também esclarecido de que o uso das informações por mim oferecidas estão submetidas as normas éticas destinadas a pesquisas envolvendo seres humanos. Minha colaboração se fará de forma de anonimato por meio de entrevista semi-estruturada a ser gravada a partir da assinatura desta autorização, acesso e análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e o seu orientador.

Fui informada que posso me retirar desse estudo a qualquer momento sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Testo o recebimento de uma cópia de assinada deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Maputo Outubro de 2024

Assinatura de participante _____

Assinatura de pesquisadora _____

Guião de entrevista

Dados sociodemográficos

Idade _____ Sexo _____ Escolaridade _____

Estado civil _____ Profissão _____

Primeiro objectivo

1. O que significa para si o lobolo?

2. O que o levou a lobolar?
3. Qual foi o sentimento apos lobolar?
4. O que mudou na sua vida apos lobolar?
5. Qual é a diferença entre uma mulher lobolada e uma mulher não lobolada?

Segundo objectivo

1. Na sua opinião, quais são os principais elementos que caracterizam um relacionamento abusivo?
2. Como o lobolo pode se relacionar a esses elementos que caracterizam o relacionamento abusivo?
3. Qual é a sua percepção sobre como as atitudes em relação ao lobolo podem influenciar as decisões de permanecer ou sair de um relacionamento abusivo?
4. Acredita que o lobolo influenciou para que o teu relacionamento se tornasse abusivo/ considera que tua relação é abusiva devido a prática de lobolo?
5. Na sua opinião, qual é o impacto social e psicológico da prática de lobolo?